

Muito Bom dia. Os meus cumprimentos de boas-vindas à comunidade aqui presente. E a todos os oradores que nos vão presentear com os seus trabalhos na Convenção.

A internacionalização da Convenção oferece a oportunidade de conhecer experiências globais. Torres Vedras, bem localizada na Região Oeste de Portugal, uma região identitária de valores, com mais este evento torna-se uma referência nacional e mundial no Movimento Cooperativo. Devo confessar, *“I Have a dream”* e que esse sonho faça com que Torres Vedras possa estar para Portugal como MonDragon no País Basco está para Espanha, onde o aglomerado das 236 empresas cooperativas constitui o 7º maior grupo económico espanhol. Para tanto importa politicamente desenvolver esforços para atrair empresas cooperativas para um parque industrial cooperativo. Este é o meu desejo, este é o meu propósito.

Abrir uma Convenção implica regras protocolares. Desde logo, agradecer a presença de S. Exa o Presidente Ramalho Eanes. O seu exemplo é único, Senhor Presidente.

Mas, hoje, também queremos distinguir o Senhor Padre Vítor Melícias e o Presidente Emérito António José dos Santos. A vida do Padre Vítor Melícias, como evangelizador da denominada Economia Social, e a do Presidente Emérito António José dos Santos, como dinamizador da componente Social da Economia, são exemplos distintos e distintivos.

Em nome destes dois ilustres homens de Torres Vedras vamos ter oportunidade de premiar personagens ou empresas que se distinguiram, em 2023, pelas suas Obras a favor do Humanismo.

Conseguimos, neste Centro Social de Torres Vedras, reunir amigos de diferentes formações, geografias, saberes e teres. Sejam empresários, sejam membros de cooperativas, sejam pessoas das nossas comunidades, fornecedores de uns, clientes de outros, enfim, todos aqui viemos como **peçoas de bem**.

Conseguimos, nesta bela terra, agregar muita gente, muitas empresas, muitos empreendedores e muita vontade de aprender e apreender. **Sim apreender a fazer bem e o bem**.

Na pessoa da nossa querida Presidente de Câmara, Eng. Laura Rodrigues, damos por cumprindo o protocolo de agradecimentos e de boas-vindas.

Este ano, a Real Academia de Ciências da Suécia laureou Acemoglu, Johnson e Robinson com o Prémio Nobel 2024 da Economia. Estes três economistas explicam que as qualidades das instituições contribuem para o progresso das comunidades e, conseqüentemente, das nações.

A Real Academia de Ciências da Suécia destacou que os laureados propõem novas estratégias para compreender a desigualdade.

Que o mundo é extremamente desigual não é novidade para ninguém. Mas como é que essa desigualdade se distribui na sociedade? E o que isso significa para traçarmos melhores estratégias de distribuição de rendimentos e redução da pobreza?

A Fundação Nobel reconheceu que o tema não é novo; mas que os laureados apresentaram novas e convincentes evidências que explicam essa disparidade: observando que "sociedades com princípios de direito fracos e instituições que exploram a população não conseguem gerar crescimento nem melhorias".

"A introdução de instituições inclusivas gera benefícios a longo prazo para todos, enquanto as instituições extrativas proporcionam ganhos a curto prazo apenas para aqueles que estão no poder", refere a Fundação Nobel.

A Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Torres Vedras, é um banco de teor cooperativo, é uma instituição financeira inclusiva com sede nesta cidade, e tem o Banco de Portugal como seu supervisor e garante do cumprimento dos princípios de direito.

A Prof. Clara Raposo, vice-Governadora do Banco de Portugal, honra-nos com a sua presença. E enriquece-nos com a difusão do seu Saber.

Ancorados nas suas excelentes intervenções convidamos a Senhora Vice -Governadora a abrir os trabalhos desta convenção com o **tema da proporcionalidade**.

A proporcionalidade sugere que cada um conhece o seu papel na natureza, ou seja, o lugar das coisas.

Contudo, a simplicidade do conceito abriga uma complexa miríade de deveres e direitos. E é, sob a batuta da sua abertura que vamos desenvolver os trabalhos desta Convenção:

é sob a leitura das suas palavras que vamos escrever as linhas que queremos desenvolver, o ***modus operandi*** das nossas atividades como banco de proximidade.

A MARIA FLOCK ÅHLANDER, membro do Conselho de Administração da GABY (Global Alliance of Banking on Values), vem relatar-nos a sua experiência na “banca de valores” e da sua *network* como suporte de sustentabilidade. Na realidade, a banca de proximidade sempre foi uma banca sustentável, ou seja, eficaz – em regra secular; e com princípios de sustentabilidade, ou seja, solidária com as comunidades e o que as sustenta (ambiente e recursos naturais). É também uma instituição inclusiva.

O GORAN JERAS, na Croácia, tem desenvolvido competências na banca social e colaborativa com suporte nas comunidades. E é um dos promotores da European Ethical Bank project. O que é um banco de teor ético? Sabemos que a ética é a área da filosofia que estuda os princípios que orientam as ações humanas. Quais são as suas fronteiras?

Temos, aqui, que recordar a dicotomia entre **rentabilidade e responsabilidade**, ou seja, entre **origens e comprometimento**. A proximidade permite conhecer as origens, e otimizar o empenho, o comprometimento. Isto é, o que hoje se chama de “economia circular”.

Em 1985, a SIBS lançava um serviço verdadeiramente revolucionário e transformador para a época: o primeiro grande motor de inovação e digitalização em Portugal, que viria a tornar-se num sistema incontornável ao serviço dos portugueses. O seu mérito tem contribuído para a sua internacionalização. O Pedro Miranda, diretor geral da SIBS-processos, uma multinacional de sucesso que nasceu de bancos em rede, num contexto em que foi possível promover um projeto comum no sistema financeiro.

A cooperação como se constata tem muitos nomes e caminhos.

Logo de seguida vamos ter a oportunidade de homenagear a nossa História. Somos o que somos, porque o soubemos e queremos ser. Na senda do respeito, que herdamos, mas que, também, queremos promover, o banco com sede em Torres Vedras instituiu os Prémios Padre Vítor Milícias, com foco na “Economia Social”, e o Prémio António José dos Santos, à luz do “Cooperativismo de Crédito”.

O Sicredi, o Raiffeisen e Mondragon tiveram como fundadores uma constante, no primeiro caso o padre Theodor Amstad no segundo o padre Friedrich Raiffeisen no terceiro José Maria e aqui o nosso Padre Vítor Melícias da economia social.

Também nós não estamos sem padre.

O nosso objetivo é o de valorizar o movimento cooperativo, em particular o “Cooperativismo de Crédito”, o trabalho com as nossas comunidades, o apoio a quem mais necessita.

Após o almoço no átrio do Centro Social da responsabilidade dos nossos cooperantes Chef Júlio e Casimira Lopes, teremos a sempre bonita reflexão do Prof. Rodrigo Sobral Cunha sobre “O princípio da cooperação na Formação, Felicidade e Futuro das Nações”.

Reparemos no pormenor das “nações”, justaposto à noção de “estado”; mais uma vez, o que nos une. Quando a proximidade é uma mais-valia, porque assim o queremos, ela assume uma enorme mais-valia comparativa.

JOSÉ LUIZ TEJON, vai apresentar-nos os conteúdos transformadores que impulsionem o desenvolvimento pessoal e profissional, motivando a mudança e a aprendizagem contínua.

JEAN LOUIS BANCEL, Presidente Honorário do Crédit Coopératif e Chairman da Fundação do Crédit Coopératif, é um respeitado gestor e dinamizador do movimento cooperativo de teor financeiro global. Vale a pena recordar que JEAN LOUIS BANCEL acompanhou quatro importantes etapas: a primeira, anterior à crise financeira de 2008, em que se tentava diabolizar o modelo cooperativo; a (ii) segunda, que foi o “pedido de socorro” de muitos dos bancos de teor acionista; a (iii) que foi o impacto da “chuva de dinheiro” e da remuneração negativa dos juros relativos à poupança, que caracterizou a década de 2012 a 2022; e (iv) emergência das denominadas BigTech, com quantidades enormes de dados dos consumidores “trabalhados” com o apoio da Inteligência Artificial. O que distinguiu estas etapas? O que aprendemos com elas?

A capacidade de aproveitar as experiências e as motivações do JOSÉ LUIZ TEJON assim, como, também, do JEAN LOUIS BANCEL, no desenvolvimento do movimento cooperativo português são uma enorme oportunidade.

Aqui, e agora, quero recordar Edgar Morin, com 103 anos, veio a Lisboa, o ano passado, cidade que transporta no seu coração, falar sobre “O Atlântico – a nova carta do Humanismo”. Aqui quero deixar uma mensagem de carinho de Edgar Morin para todos, **porque todos estão no seu coração**. Muito obrigado, Edgar Morin.

THOMAS ECKSCHMIDT, CEO e Cofundador da CBJourney, é um dos cofundadores do movimento Capitalismo Consciente no Brasil, é destaque na geração de conhecimento. O seu livro Fundamentos do Capitalismo Consciente, publicado pela Harvard Business Press, em 2018, é uma importante referencia.

Luiz Branco, meu querido amigo, que em boa hora resolveu viver uma parte significativa do ano em Cascais, terra linda e cativante, também com uma grande comunidade brasileira, francesa, e, agora, também, norte americana, vai-nos apresentar o “Global Innovation Coop 2025”.

A Inteligência Artificial é um tema que a todos desperta. O conceito é perturbador: Inteligência Artificial.

O relatório Global Financial Stability Report, do FMI, do passado mês de outubro, aponta para sete “vulnerabilidades” que estão a marcar a conjuntura mundial e que podem ter impactos negativos de médio prazo, caso se agravem. O relatório, coloca à cabeça a contradição gritante entre os riscos geopolíticos crescentes e a incerteza, por um lado, e o otimismo dos investidores nos mercados financeiros, por outro.

A que se junta as valorizações excessivas em sectores como o tecnológico e em várias bolsas de ações, o disparo da dívida mundial para perto de 330% do PIB no final do primeiro semestre deste ano, a falta de transparência sobre o verdadeiro grau de alavancagem no sector financeiro ‘sombra’ (entidades não bancárias), o emagrecimento sincronizado dos balanços dos bancos centrais, o entrelaçamento entre o mercado de criptomoedas e o sistema financeiro e as crises na China.

O relatório dá uma particular enfase aos cyberattacks e aos incidentes com a IA. A inteligência artificial generativa pode ser usada por maus atores para manipular mercados ou realizar ciberataques. Os ciberataques têm vindo a aumentar nos últimos anos, tendo a percentagem de ataques a entidades dos setores financeiro e segurador

mais do que duplicado na última década. Os cibercriminosos podem produzir deepfakes, manipular áudios e vídeos para se passar por indivíduos-chave do setor financeiro ou espalhar outra desinformação.

Os crescentes ataques cibernéticos representam uma ameaça aguda à estabilidade macrofinanceira.

Na última década, a IA foi a grande novidade tecnológica. Em 1994, Bill Gates disse que os bancos são dinossauros. Passados 30 anos aqui estamos para ver.

Nada substituiu a confiança, a proximidade, aquilo que a sociologia designa de Capital Social, ou Capital Cívico: aquilo que um olhar sabe transmitir.

Os bancos cooperativos constituem uma resposta às FINTECH dado que conseguem em parte replicar o modelo destas, mas elas não são capazes de nos imitar. Os bancos cooperativos combatem em Portugal as decisões de crédito feitas noutros países, relembre-se que “70% da operação bancária em Portugal superior a 500 mil euros é decidida em Espanha.” Os bancos cooperativos em base individual não têm risco sistémico, são facilmente auditáveis, têm estrutura simplificada de balanço e são sindicados pelos melhores auditores, os associados, que no nosso caso são: funcionários, fornecedores, sócios e clientes. Têm uma inexpressiva taxa de reclamações. Estes bancos prosseguem a sustentabilidade, a inclusão e o desenvolvimento e têm a escala adequada à essência da sua natureza. Além de escala têm escada para os valores da ética, da governança e do desenvolvimento humano local. Sabem também o que as populações consomem e o que os solos produzem. O seu modelo de negócio é secular e a sua atualidade só termina quando tudo o que é humano deixar de ter interesse.

O Carlos Fiolhais é um dos cientistas e divulgadores de ciência mais conhecidos no Mundo. Pois é este querido amigo que hoje termina o ciclo de apresentações e debate do conhecimento.

O encerramento da Convenção cabe à Presidente do Município de Torres Vedras, professora Laura Rodrigues.

Teremos ainda a apresentação do livro *Business Warfare* do Prof. Paulo Cardoso do Amaral que relaciona as decisões estratégicas militares com as empresariais, além da exposição do nosso querido pintor Luís Vieira Batista no átrio deste Centro Social.

E, cabe à Bia Caboz cantar Portugal e, naturalmente, o hino da nossa Caixa Agrícola de Torres Vedras.

Temos, pois um longo e profundo programa. **E faço votos que todos o desfrutem.**

Agora, como *key note speaker*, a Senhora Professora Clara Raposo, vice-Governadora do Banco de Portugal.